

XXXI Congresso de
Iniciação Científica
Unicamp

2023



GENEALOGIA ETNOGRÁFICA

Uma análise racializada da Fotografia nas obras de Malinowski.

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia Visual, História da Antropologia, Fotografia

ORIENTANDO: SAMUEL DAVIS MARTINS, UNICAMP - IFCH

ORIENTADOR: PROF. DR. CHRISTIANO KEY TAMBASCIA, UNICAMP - IFCH

INTRODUÇÃO

A Antropologia apresentada ao mundo ganha destaque, em seus menos de dois séculos de institucionalização, com um método científico destoante do resto das humanidades. Essa área de estudo ganha notoriedade, dentre várias outras razões, por propor diferentes maneiras de produzir ciência, com uma abrangência metodológica plural, mutável e adaptável a diferentes contextos, realidades, abordagens e objetos de estudos.

Bronislaw Malinowski (1884-1942) fora um dos pilares dessa antropologia moderna, carregando consigo a justa reputação de “Pai da Etnografia” (PEIRANO, 1995), sua obra fora lida, analisada, discutida e comentada incontáveis vezes, não escapando, inclusive, de diversas críticas relacionadas a limitações e falhas metodológicas em seus trabalhos, através de considerações sobre a presença de uma visão etnocêntrica perante os sujeitos trobriandeses com quem fez sua pesquisa *in locus* no começo do século passado.

Entretanto, passados 100 anos de suas primeiras produções etnográficas, as imagens (e, principalmente, as fotografias) como forma de conhecimento nas obras de Malinowski receberam

relativamente poucas reflexões. Considerando-se o reconhecimento da importância de suas contribuições à antropologia e o escrutínio que sua obra sofreu pela literatura crítica, torna-se imprescindível resgatar as contribuições malinowskianas para a antropologia e tecer uma reflexão acerca de seu recurso visual-pictórico.

Para tal feito, essa pesquisa conta com um desenvolvimento teórico-metodológico pautado em uma ótica racializada, ou seja, enxergando as relações de raça como centrais e indissociáveis para entender a genealogia da etnografia enquanto ciência, problematizando, por conseguinte, o uso da fotografia como forma de produção documental atrelada a um alicerce racista e, por fim, a recepção das obras pelo seu público consumidor ser, em grande parte, desvinculada de interesses acadêmicos, e interessada, contudo, na exposição de aspectos culturais, comportamentais e sexuais distantes do normativo europeu, principalmente no que diz respeito ao fetiche desse público no que era tido como exótico e “selvagem” à realidade sociocultural europeia da época.

CARTOGRAFIA COMO MÉTODO

Para entender melhor a maneira na qual as imagens ocupam as obras de Malinowski, delineei uma vasta cartografia de fotografias presentes nas três monografias do polonês abordadas neste trabalho, com critérios que nos ajudarão a refletir acerca, não somente do estatuto da fotografia no trabalho antropológico e a parcialidade produzida por esse recurso em textos científicos, mas também, principalmente, em quais foram essas intencionalidades e direcionamentos tomados, neste caso, por Malinowski, e como esse processo diz, não só sobre ele, mas também sobre a ciência (seja ela numa ótica antropológica ou fotográfica) e também sobre a sociedade europeia desse período.

O antropólogo publicou, ao todo, 283 fotografias oriundas desse laborioso e extenso trabalho etnográfico na melanésia. Como bem observa Samain (1995), o uso e encaixe de fotografias nas obras de Malinowski aumentaram gradativamente, além de existir um padrão de inserção de suas imagens: sempre seguidas de um breve e preciso comentário na legenda, em seu contexto etnográfico mais amplo que descreve ao longo dos livros. Malinowski buscou criar elos que

conectam suas fotografias não somente com o momento atual do texto, mas também com outras partes de suas obras que dialoguem com a imagem e com o contexto exposto. Com isso, forma-se, através de suas fotografias, desenhos, notas e legendas, um sistema que sempre relaciona as imagens a outros momentos do texto, inclusive de diferentes obras, direcionando o leitor para sua “teia” textual-imagética de modo a colaborar com a elaboração da espessa antropologia descritiva malinowskiana.

OBRA	Nº DE IMAGENS	Nº DE PÁGINAS	FREQ. DE IMAGENS	ANO
ARGONAUTS OF THE WESTERN PACIFIC	75	670	Aprox. 1 imagem a cada 9 páginas	1922
THE SEXUAL LIFE OF SAVAGES	92	494	Aprox. 1 imagem a cada 6 páginas	1929
CORAL GARDENS AND THEIR MAGIC	116	587	Aprox. 1 imagem a cada 5 páginas	1935

UMA ÓTICA RACIALIZADA

Tanto a antropologia quanto a fotografia enquanto ciências nos revelam uma perspectiva sociocultural da Europa nas primeiras décadas do século passado, calcada em preceitos racistas e colonialistas que refletem o pensamento social e científico europeu da época, que ainda encontra-se distante de ser superado, reiterando a necessidade de analisar o contexto do período através de uma ótica racializada.

No que diz respeito à fotografia, seu alicerce científico e tecnológico fora instituído em uma matriz racista. Os *Shirley's Cards* da Kodak - principal empresa de máquinas fotográficas da época - foram cartilhas de mulheres brancas utilizadas durante décadas, não somente pela empresa, mas também por fotógrafos e editores de foto, como padrão de balanceamento de cor e saturação nos equipamentos de fotografia. Essa configuração buscava harmonizar a coloração de fotos de pessoas brancas com diferentes vestimentas e paisagens, e deixavam imagens de pessoas não-brancas com contraste e saturação extremamente desregulados, e isso acontecia não por fruto somente de falta de elementos químicos para a tecnologia, mas também por uma seleção apenas das cores consideradas necessárias para o público-alvo da empresa fotográfica norte-americana (DE CARLI, 2017). Sua mudança veio apenas entre as décadas de 60 e 70, não por decorrência de movimentos populares da época, ou por intenção de incorporar a população negra como público consumidor, mas sim pela demanda principalmente de propagandas de chocolates e indústrias de madeira.

A fotografia também fora empregada na antropologia evolucionista, assim como vários núcleos de pesquisa das ciências naturais, como um mecanismo de evidênciação que não pode ser compreendido fora do contexto etnocêntrico sobre as formas de conhecimento e representação na passagem do século XIX ao XX, inclusive, em muitos casos, associada ao histórico esforço de tentar explicar e argumentar cientificamente



Fig. 1: “Edições dos Shirley’s Cards distribuídos entre as décadas de 1950 a 1980.”

teorias racialistas que buscavam sistematizar visualmente a diferença. Esse “racismo científico” operou de modo a produzir a ideia de corpos subalternizados, colonizados e racializados, e o uso da fotografia é tido como um instrumento na construção da “ficção” científica da racialidade à serviço da dominação oriunda do colonialismo (FELDHUES, 2020). Anne Anliil Cheng (2000) argumenta que a fotografia trabalhou historicamente para a produção de percepções estereotipadas sobre raça, gênero e identidade cultural. Uma vez que a fotografia produz uma representação congelada e finita do que fora enquadrado, cria-se um entendimento (muitas vezes tomado como errôneo ou questionável) de que aquele registro imutável demonstra a realidade. Dessa forma, as imagens fotográficas provocam uma ideia de naturalidade às ideologias e valores que estão veiculados nela. Essas representações são pautadas no imaginário racista e também nas estruturas coloniais da política do conhecimento, de mercado e de controle, noções

assimiladas pelos sujeitos e incorporadas aos seus ideários, influenciando, assim, suas percepções sobre o que fora observado.

A fotografia foi um importante instrumento para a produção de teses entre naturalistas e etnólogos evolucionistas, principalmente através da comparação anatômica, onde criaram-se “Medidas Antropométricas”. Órgãos, membros e estruturas dos corpos de habitantes de diversas sociedades da Europa (e sobretudo, fora dela) eram medidos e esquadrinhados para, então, criar-se uma métrica visual e física sobre a diferença, uma espécie de hierarquia a qual, arbitrariamente, consideravam a raça caucasiana como a mais evoluída. A partir dessa métrica, o grau de “selvageria” da raça ou etnia aumentaria de acordo com as diferenças dos corpos de alguns de seus membros com a fisionomia modelo europeia.

São diversos exemplos, no corpo deste recorte bibliográfico racializado, que me permitiram perceber a potencialidade deste contraponto analítico: desde estudos sobre as exposições fotográficas e museológicas, as considerações sobre o lugar dos interesses econômicos excludentes à população negra norte-americana, as reflexões sobre o financiamento de uma estrutura relativa à pornografia e prostituição desses corpos, até os trabalhos sobre o emblemático e trágico caso da Vênus Hotentote, que exemplificam e expõem todo esse sistema pautado em concepções raciais que presenciava-se na época (e ainda está

longe de ser superado). Tudo isso pode ser conectado com o contexto histórico-social da época em que as obras malinowskianas foram publicadas, nos fornecendo um quadro compreensivo em que é possível dar sentido à obra deste antropólogo em um âmbito mais amplo, de forma a tecermos uma profunda e interessante reflexão acerca de um olhar racializado para suas fotografias.

A FIGURA CENTRAL DE MALINOWSKI

Contemplando o campo metodológico, inicialmente, me vali dos estudos feitos pelo historiador da arte Aby Warburg (1866-1929), considerado o pai da iconologia, que discorreu, dentre vários assuntos, sobre o conceito da “*fórmula do Páthos*”, presente na essência das imagens. Em linhas gerais, Warburg defende que as imagens formam, na memória cultural de uma sociedade, expressões marcantes que herdaram simbologias de longevidade maior do que a própria imagem e maior também do que o próprio indivíduo que a constrói.

Essas simbologias se repetem e apoiam novas expressões oriundas da “*imagem fantasma*” que a constituiu originalmente (DIDI-HUBERMAN, 2013). Trazendo esse conceito para nossa pesquisa, busquei exemplificar a pertinência dessa atenção às imagens em minha análise acerca das fotografias malinowskianas, ícones, comparações e reflexões sobre a história ocidental que dialogam e/ou se assemelham com o que o

antropólogo denotara (pelo menos através de uma interpretação subjetiva de sua obra) em suas pranchas. Ou seja, para além das fotografias do polonês, também irei me apoiar em outros exemplos e representações que contêm alguma semelhança semântica relevante comparado aos quadros malinowskianos que busquei analisar ao diagramar essa metodologia experimental.



Fig. 1: “Ethnographer with a man in a wig”

O primeiro ponto expresso nessa atmosfera imagética que analisaremos, é a construção de Malinowski de uma nítida oposição entre o homem europeu e o nativo selvagem observada na imagem acima. A ideia da distinção entre a civilização e a barbárie, o elegante e o rudimentar. A fotografia anterior traz uma expressão corporal associada à virilidade e masculinidade perante os considerados nativos, o olhar do antropólogo ao horizonte, com a postura ereta com as mãos na cintura e o apoio mais alto de uma das pernas levemente dobrada, toda essa disposição corporal denota uma simbologia heroica e aventureira.

Toda essa atmosfera imagética da *persona* de Malinowski assume um caráter paradoxal, a própria escolha do título da *Magnus Opus* do antropólogo nos oferece pistas que reforçam essa interpretação. O significado do termo *Argonautas*, segundo o dicionário Michaelis, adere um significado de *'Indivíduos que buscam aventuras ou a elas se expõem em defesa de seus ideais.'*, segundo o dicionário Oxford, na mitologia grega, argonautas eram *lendários heróis gregos que viajaram na mitológica nau Argo*. Malinowski categoriza os trobriandeses como sendo eles os argonautas, entretanto, a despeito da centralidade de sua figura nas fotografias selecionadas por ele para compor suas obras, não podemos ignorar o que Clifford (2001) aponta em seu artigo como a *"Automodelagem Etnográfica"* de Malinowski: o antropólogo aparece em seu diário pessoal (MALINOWSKI, 1967) como um hipocondríaco autocentrado, frequentemente deprimido, envolvido numa interminável luta para manter sua autoconfiança e coerência (CLIFFORD, 2001, p. 9).

O resultado desse processo observado nas obras publicadas pelo antropólogo, enfim, denota autoridade e autopromoção do "self-antropológico" malinowskiano, junto de fotografias que promovem sua exaltação e dão centralidade à figura de Malinowski, produzindo uma narrativa de um antropólogo intrépido e aventureiro, se modelando em suas estadias na melanésia como um verdadeiro argonauta, heróico e imponente. A figura do 'homem heróico', associada a atributos como força, seriedade, imponência e superioridade, fora moldada

e reproduzida, dentro de uma cultura branca e europeia em preceitos colonialistas e patriarcalistas, em inúmeros contextos, e são também observadas fotografia do antropólogo.

Esse semblante observado Malinowski, também fora objeto de estudo de Haraway em *Teddy Bear Patriarchy: Taxidermy in the Garden of Eden* (2004), onde a antropóloga analisa a trajetória e legado de Theodore Roosevelt, e toda a simbologia heroica colonialista e de exaltação da masculinidade que o ex-presidente norte-americano buscava atrelar a sua figura. Vemos, na prancha da esquerda, exemplos de imagens de centralidade à imagem do antropólogo. Na prancha da direita, figuras de semblante heróico de exaltação a masculinidade.



Fig. 3: "Malinowski em campo com os trobriandeses"

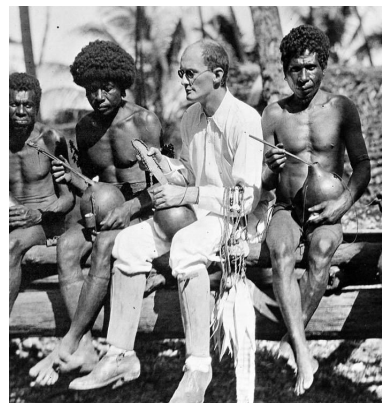


Fig. 2: "Malinowski entre habitantes das ilhas Trobriand"



Fig. 6: "Theodore Roosevelt (1858-1929), ex-presidente dos EUA"



Fig. 7: "Brandon Routh como Super-Homem, símbolo geek."

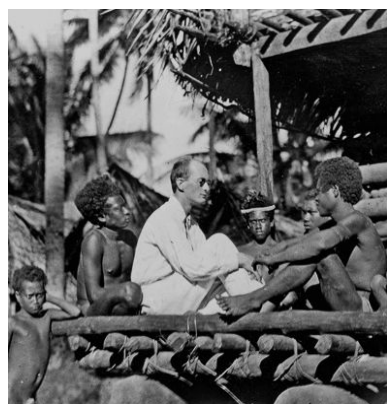


Fig. 4: "Malinowski em 'Platform in front of show bwayma'"



Fig. 3: "Ethnographer among Trobriand Kids"



Fig. 8: "Douglas Fairbanks em Iron Mask (1929), ator referência em filmes de ação do séc XX."



Fig. 9: "Dominic McCarthy, 'herói de guerra' pelo Reino Unido na 1ª Guerra Mundial."

CONCLUSÃO

É fato que, considerando a importância de suas contribuições à antropologia, sendo um dos principais nomes da história dessa ciência, Malinowski já fora destrinchado e estudado imensuráveis vezes, não escapando, inclusive, de diversas críticas relacionadas a limitações e falhas metodológicas em seus trabalhos, através de considerações sobre a presença de uma visão etnocêntrica perante os sujeitos trobriandeses com quem fez pesquisa no começo do século passado. Entretanto, a pouca atenção que se deu aos recursos visuais que o antropólogo usara deve ser reavaliada, visto que, como observado nesta pesquisa, oferece-nos pistas e estudos que nos auxiliam a tecer diversas reflexões para compreender sua obra como um todo.

Para além do que rondava Malinowski, suas fotografias e trabalho de campo, essa compreensão da atmosfera imagética das obras do antropólogo nos dá pistas a despeito da produção acadêmica e da sociedade européia da época, e suas matrizes racistas e patriarcalistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. A Câmara Clara: Nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BARBOSA, Andrea. Imagem, pesquisa e antropologia. Cadernos de Arte e Antropologia, vol. 3, n° 2, 2014.
- BECKER, Howard S. Falando da Sociedade: Ensaio sobre as diferentes maneiras de representar o social. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BITTENCOURT, Luciana. Fotografia enquanto instrumento etnográfico. Anuário Antropológico, 92. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
- CALVINO, Italo. Por que ler os clássicos. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CAMPOS, Ricardo. A cultura visual e o olhar antropológico. Visualidades, v.10, n. 1. Goiânia, 2013.
- _____. Imagem e tecnologias visuais em pesquisa social: tendências e desafios. Análise Social. Vol. 46, No. 199. Lisboa, 2011.
- CHENG, Anne Anlin - Second Skin: Josephine Baker & the Modern Surface. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- CLIFFORD, James. Sobre a automodelagem etnográfica: Conrad e Malinowski. In: A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. A imagem sobrevivente: História da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg. Editora Contraponto. Rio de Janeiro, 2013.
- DURHAM, Eunice Ribeiro. Por uma nova visão da antropologia. In: Eunice Ribeiro Durham (org.). Malinowski. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- _____. Apresentação. In: MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Ubu Editora, 2018.
- FELDHUES, Marina. Fotografia, 'tipos raciais' e antropologia. Base de Dados de Livros de Fotografia, 2021.
- HARAWAY, Donna. Teddy Bear Patriarchy: Taxidermy in the Garden of Eden, New York City, 1908-1936. Social Text, No. 11, p. 20-64. 2004.
- HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. Revista Eco-Pós, vol. 23, n. 3, 2020.
- KUPER, Adam. "Malinowski". In: _____. Antropólogos e Antropologia. Rio De Janeiro: Francisco Alves, 1978.

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

_____. Coral gardens and their magic: A Study of the Methods of Tilling the Soil and of Agricultural Rites in the Trobriand Islands. Londres: George Allen & Unwin, 1966.

_____. The sexual life of savages in North-Western Melanesia: an ethnographic account of courtship, marriage and family life among the natives of the Trobriand Islands New Guinea. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1929.

_____. Um diário no sentido estrito do termo. São Paulo: Editora Record, 1997.

MARCELINO, Luciana. A morte de Orfeu ou a sobrevivência do páthos. In: X EHA - Encontro de História da Arte. Campinas, 2014

PEIRANO, Mariza. "Prefácio". In: MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

_____. A favor da etnografia. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

RICHTER, Indira; OLIVEIRA, Andréia. Cartografia como metodologia: Uma experiência de pesquisa em Artes Visuais. Revista Paralelo 31, Ed. 8, Pelotas, 2017.

SAMAIN, Etienne. "Ver" e "dizer" na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. Horizontes Antropológicos, ano 1, n. 2, 1995.

_____. Quando a fotografia (já) fazia os antropólogos sonharem: o jornal La Lumière (1851-1860). Revista de Antropologia, v. 44, n. 2, p. 89-126, 2001.

_____. Como pensam as imagens. Campinas.: Editora Unicamp, 2012.

SIGAUD, Lygia. Doxa e crença entre os antropólogos. Novos Estudos, 77, 2007

STOCKING, G. W. Malinowski, Rivers, Benedict and Others: Essays on Culture and Personality. University of Wisconsin, Madison, 1986.

STRATHERN, Marilyn. O efeito etnográfico e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

WARBURG, Aby. O Nascimento de Vênus e a Primavera de Sandro Botticelli, Lisboa, KKYM, 2012.

_____. A Renovação da Antiguidade Pagã. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

WILLIS, Deborah. Black Venus 2010: they called her "Hottentot". Philadelphia: Temple University Press, 2010.

YOUNG, Michael. Malinowski: Odyssey of an Anthropologist, 1884–1920. Yale University Press, 2004.